



**Hildenia Onias de Sousa**  
 Rede Municipal de Ensino de João Pessoa

## **PERSPECTIVAS DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): ESPAÇOS PARA A EXPERIÊNCIA DA LEITURA LITERÁRIA**

*LEARNING PERSPECTIVES IN YOUTH AND ADULT EDUCATION (EJA): SPACES TO EXPERIENCE LITERARY READING*

### **RESUMO**

Este artigo traz algumas reflexões acerca da importância do ensino da literatura na educação básica, especificamente, na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Caracteriza-se como um estudo bibliográfico, não isentando o lugar de professora da EJA, ocupado pela autora. São feitas algumas discussões acerca da concepção de literatura e de letramento literário, levando-se em conta a interface da literatura com outras artes, a exemplo da música. Traz também uma breve discussão sobre a matriz curricular da EJA – versão preliminar, do município de João Pessoa-PB. A base das discussões foram os estudos de Candido (2011), Cosson (2009; 2020), Santomé (2013), além de outros autores. A literatura e a leitura literária são de suma importância na formação do estudante da EJA, assim como os diálogos com outras manifestações artísticas. Isso tem sido constatado pela autora no decorrer da sua atuação nessa modalidade de ensino. Desta feita, um currículo que se volte para a necessidade desses alunos não pode excluir a experiência literária. O acesso às produções do campo artístico-literário também é um direito dos alunos da EJA. Sendo assim, partindo-se da realidade dos estudantes, é possível sistematizar um trabalho profícuo, inserindo práticas de leitura no planejamento de ensino, de modo a executá-las com a adesão desses estudantes.

**Palavras-chave:** Educação de jovens e adultos. Literatura. Leitura literária. Letramento literário.

### **ABSTRACT**

This article presents reflections on the importance of teaching literature in basic education, specifically in Youth and Adult Education (EJA). It is a bibliographic study that does not exclude the perspective of the author as an EJA teacher. The article discusses concepts of literature and literary literacy, considering the relationship between literature and other forms of art, such as music. It also includes a brief discussion of the preliminary version of the EJA curriculum matrix in the municipality of João Pessoa-PB. The discussions are based on the studies of Candido (2011), Cosson (2009; 2020), Santomé (2013), among other authors. Literature and literary reading are essential in the education of EJA students, as are dialogues with other artistic expressions. This has been observed by the author throughout her work in this teaching modality. Therefore, a curriculum that meets these students' needs should not exclude literary experiences. Access to artistic and literary productions is also a right of EJA students. Thus, based on students' realities, it is possible to structure meaningful work by incorporating reading practices into lesson planning and carrying them out with students' engagement.

**Keywords:** Youth and Adult Education, Literature, Literary Reading, Literary Literacy.



**Hildenia Onias de Sousa**  
Rede Municipal de Ensino de João Pessoa

## INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) requer um tratamento diferenciado, sobretudo, no que tange às atividades pedagógicas, que devem ser desenvolvidas no chão da escola. Não raro, temos contatos com experiências diárias de diversas disciplinas que tendem a fazer apenas transferências dessas atividades do ensino diurno, das turmas dos anos finais do ensino fundamental, para a EJA. Esse tratamento tende a dificultar o processo de ensino-aprendizagem, podendo até pode infantilizá-lo, sabendo que ele deve considerar os sujeitos da EJA, nas suas especificidades etárias, cognitivas, na disponibilidade de tempo útil, além de outros fatores. Tais especificidades exigem escolhas de estratégias, de metodologias apropriadas e de um planejamento comprometido com as necessidades dos educandos. Não poderíamos falar em atividades pedagógicas, em estratégias ou em metodologias, sem que se pense em um currículo voltado para a EJA. No presente trabalho, pensamos nos Ciclos III e IV, no componente curricular Língua Portuguesa e nos objetos de conhecimentos que se inserem no âmbito do ensino da literatura.

É inegável a importância da leitura literária em todos as etapas da educação básica. Com a Educação de Jovens e Adultos não é diferente, pois estamos lidando com pessoas para com as quais devemos, sob a égide de um exercício de militância, garantir-lhes seus direitos de aprendizagem e, dentre eles, está *o direito à literatura*. Sobre essa temática, Antonio Candido (2011) discorreu com muita propriedade, levando-nos a refletir que a literatura deve ser pensada como um direito. Nessa perspectiva, o crítico faz uma reflexão sobre os direitos humanos, na qual pondera que

pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo. Esta me parece a essência do problema, inclusive no plano estritamente individual, pois é necessário um grande esforço de educação a fim de reconhecermos sinceramente este postulado. Na verdade, a



**Hildenia Onias de Sousa**  
Rede Municipal de Ensino de João Pessoa

tendência mais funda é achar que os nossos direitos são mais urgentes que os do próximo (Candido, 2011, p. 174).

Embora Antonio Candido não tenha direcionado seus estudos para o ensino da literatura, os seus escritos, amplamente usados nos estudos de crítica literária, são base para que também pensemos a literatura como um bem simbólico inerente às sociedades em todos os tempos, sendo necessária para o enriquecimento do pensamento humano. Tendo como base a reflexão sobre os direitos humanos, corroboramos o pensamento do crítico quando reafirma o postulado de que o indispensável para nós também o é para o próximo.

Quando Antonio Candido (2011) discute *o direito à literatura* ele toma a seguinte concepção:

chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (Candido, 2011, p. 176).

A literatura, tomada na abrangência citada pelo autor, é inerente a todos os povos de todas as épocas e, como tal, parece constituir um direito. Nessa perspectiva, a escola, enquanto lugar de construção do conhecimento formal e de fortalecimento das culturas, deve oferecer a literatura em suas mais diversas manifestações como um direito acessível aos seus estudantes e, mais especificamente, aos estudantes da EJA.

Quando falamos em literatura, pensamos em textos literários considerados canônicos e também naqueles textos que o professor reconhece, pelo seu conhecimento técnico, que têm qualidade estética. Nesse âmbito, existem muitas criações de autores locais, que não estão no cânone, mas podem ser trabalhados na Educação de Jovens e Adultos. Pensamos também que, agregadas às outras expressões artísticas – como a música, os memes, as ilustrações, dentre outras –, que são atravessadas pelo componente



**Hildenia Onias de Sousa**  
Rede Municipal de Ensino de João Pessoa

literário, seja no conteúdo, na forma, ou na própria experiência de leitura dos sujeitos, os textos literários podem ter um expressivo rendimento nas aulas do componente curricular Língua Portuguesa e de Literatura. A literatura, no currículo da EJA, necessita de um lugar de destaque para a experiência literária, para a leitura de textos literários canônicos e para outras produções que possam ampliar o repertório de leitura dos alunos. Assim, pensando-se em um currículo para a EJA, é importante inserir a Literatura como um espaço não somente para criar, para produzir artes, mas um *locus* para a fruição, para a reflexão e para a apropriação de experiências leitoras, que possam ir além da prática da produção de um cordel, por exemplo, “por encomenda” para fazer parte do cumprimento de uma ação escolar.

Muitas das vezes, somos interpelados a levar os alunos a produzirem cordéis sobre determinados temas para fins meramente expositivos, de semanas e de dias temáticos. Tais atividades pouco contribuem para a formação do leitor literário, considerando que, na Educação de Jovens e Adultos, os estudantes buscam aquilo que tem a ver com eles, com suas realidades, como a necessidade de aprender um conteúdo que de alguma forma sirva para a vida prática. Nesse sentido, a literatura parece ficar à margem, visto que não há algo palpável, concreto, que resulte em valor financeiro imediato, a ser conseguido pelo aprendizado desta. É nesse lugar que se sobrepõe a atividade do professor como mediador da leitura literária, que ressignifica para o aluno a importância de pensar, de aprender a ler nas entrelinhas. Isso o texto literário nos permite.

É importante lembrar que a produção de textos, aos moldes da literatura de cordel, só tem sentido se for feita como resultado de leituras de textos em cordel, de estudos desses textos, norteados por uma mediação leitora que envolva o estudante, que o leve a apropriar-se dos sentidos do texto. Vale ressaltar que nem todos os alunos têm disposição e/ou habilidades para escrever em versos. Ademais, não estamos formando escritores, poetas, ainda que eles possam ser despertados. O grande objetivo do ensino de língua e de literatura é contribuir para a formação da pessoa, com vistas aos usos variados da língua portuguesa em situações diversas de comunicação, oral ou escrita,



**Hildenia Onias de Sousa**  
Rede Municipal de Ensino de João Pessoa

formando um leitor proficiente e crítico dos mais variados gêneros textuais. Nessa ótica, o texto literário pode ir além dos demais gêneros, pelo seu caráter aberto a diversas leituras e interpretações.

Pode ser que, a priori, os estudantes pensem que estudar literatura, ler textos literários não tenha nada a se relacionar com suas vidas e com suas necessidades. Porém, dependendo da escolha do texto, da metodologia e do quanto se considere e se redirecione a fala do aluno sobre esse texto, a atividade com o texto literário pode ser um exercício de cidadania, de empoderamento, de reflexão, de tomada de decisões. Nessa perspectiva, consideramos pertinente trazer um exemplo de uma discussão em sala de EJA, a partir de uma leitura considerada literária.

O trabalho com a literatura, em quaisquer níveis de ensino, pressupõe que se adote a concepção do termo, tomada para determinada discussão. Os paradigmas de ensino da literatura priorizam concepções com mais ou menos foco no texto ou no leitor. O paradigma do letramento literário, por exemplo, foca a apropriação da experiência literária pelo leitor. Assim,

*Letramento literário é o processo de apropriação da literatura enquanto linguagem. Para entendermos melhor essa definição sintética, é preciso que tenhamos bem claros os seus termos. Primeiro, o *processo*, que é a ideia de ato contínuo, de algo que está em movimento, que não se fecha. Com isso, precisamos entender que o *letramento literário* começa com as cantigas de ninar e continua por toda nossa vida a cada romance lido, a cada novela ou filme assistido. Depois, que é um processo de *apropriação*, ou seja, refere-se ao ato de tomar algo para si, de fazer alguma coisa se tornar própria, de fazê-la pertencer à pessoa, de internalizar ao ponto daquela coisa ser sua. É isso que sentimos quando lemos um poema e ele nos dá palavras para dizer o que não conseguíamos expressar antes (Cosson, 2014, on-line).*

Quando entendemos o alcance do letramento literário e seu percurso inerente às experiências de apropriação, é válido refletir a sua importância na Educação de Jovens e Adultos, haja vista que a EJA é composta por pessoas que já trazem consigo uma história



**Hildenia Onias de Sousa**  
Rede Municipal de Ensino de João Pessoa

de vida e de experiências, das quais não se prescinde da fabulação. São sujeitos que estão na escola, motivados por algum desejo, por algum sonho e, se encontram nessa escola um espaço para serem ouvidos e valorizados, certamente suas perspectivas de crescimento serão alargadas.

Nessa direção, o presente trabalho objetiva discutir sobre o ensino da literatura na EJA, passando pela concepção de letramento literário, principalmente na questão de priorizar a experiência literária. Inserimos, às discussões, exemplos de vivências com a literatura na interface com a música, tendo os sujeitos da EJA dos Ciclos III e IV, como protagonistas. A título de exemplificação, trouxemos um recorte de uma experiência de leitura com textos poéticos e com músicas de Jackson do Pandeiro. A referida experiência foi vivenciada no ano 2019, com os Ciclos III e IV, por ocasião do centenário do cantor e compositor paraibano. Trata-se de um estudo bibliográfico que não deixa de demarcar o lugar da autora, professora da EJA.

O trabalho obedeceu ao seguinte percurso: discussões sobre letramento literário e sua inserção na EJA, seguido de uma breve discussão sobre currículo e sobre a Matriz Curricular da EJA do município de João Pessoa-PB, em cuja abordagem inserimos exemplos de uma experiência de atividades realizadas com a obra de Jackson do Pandeiro, com foco na vivência e na apropriação dos estudantes. Iniciamos as discussões pelo letramento literário.

## **O LETRAMENTO LITERÁRIO E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Reiterada a importância da literatura na formação escolar do sujeito, não basta que ela esteja na escola com uma presença tímida nos livros didáticos. Convém que se estabeleça um programa de leitura de literatura na escola, dialogando com outras manifestações artísticas.

As contribuições dos estudos acerca do letramento literário permitem que tomemos a experiência de leitura como um acontecimento do qual o leitor se apropria,



**Hildenia Onias de Sousa**  
Rede Municipal de Ensino de João Pessoa

toma para si. É nesse contexto que o letramento literário comparece como uma via de formação que muito pode contribuir para o desenvolvimento do aluno.

Nos estudos de letramento literário, na acepção brasileira do termo, dois autores são os expoentes das pesquisas: Graça Paulino e Rildo Cosson. Esse último tem um vasto percurso de estudo e de pesquisas na temática, contando com diversos livros lançados e uma grande quantidade de artigos publicados em revistas especializadas, dentre muitas outras produções em variadas universidades brasileiras. Poderíamos dizer que o conceito que temos hoje de letramento literário, no Brasil, foi “negociado” por Graça Paulino e Rildo Cosson. Graça Paulino foi a pesquisadora que cunhou o termo pela primeira vez no Brasil e assim definiu o letramento literário:

o letramento literário, como outros tipos de letramento, continua sendo uma apropriação pessoal de práticas sociais de leitura/escrita, que não se reduzem à escola, embora passem por ela. A experiência estética, dentre as quais se inclui a leitura literária, está sendo mais valorizada agora, como modo de reumanizar as relações enrijecidas pela absolutização das mercadorias. As artes dão a volta por cima (Paulino, 2010, p. 165).

O Letramento literário é, pois, uma apropriação de leitura literária. Percebemos que a autora confirma a função humanizadora da literatura e define a experiência literária como uma apropriação pessoal de leitura e de escrita, que passa pela escola. Dizemos isso porque tal experiência não começa nem termina na escola, como bem frisam Paulino e Cosson (2009) e Cosson (2020). O letramento literário é, pois, uma experiência que se renova no decorrer de nossa vida, a cada experiência significativa de leitura literária que temos. É por essa razão que textos e práticas de leitura que a escola oferece precisam ser interessantes e significativas para o aluno. Nem sempre o que é significativo para o professor o é para o aluno. Isso não quer dizer que se deva deixar as escolhas textuais ao “bel-prazer” dos discentes, mas que se deve levar em consideração as expectativas desses alunos, sem deixar de oferecer outras leituras diferentes daquilo que eles já fazem.



**Hildenia Onias de Sousa**  
Rede Municipal de Ensino de João Pessoa

Na direção da função humanizadora da literatura, a BNCC corrobora essa função da literatura quando afirma que

no âmbito do Campo artístico-literário, trata-se de possibilitar o contato com as manifestações artísticas em geral, e, de forma particular e especial, com a arte literária e de oferecer as condições para que se possa reconhecer, valorizar e fruir essas manifestações. Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita. Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura (Brasil, 2018, p. 138).

Sabemos que a BNCC pretende formar um leitor de literatura capaz de se implicar nos textos literários, o letramento literário parece fornecer aporte teórico-metodológico para que o estudante se aproprie da leitura. Experienciar a leitura literária tem a ver com ser sujeito da sua leitura e ao mesmo tempo ser parte de uma comunidade de leitor, a sala de aula, na qual se trocam experiências vivenciadas com um mesmo texto. Quando a Base traz a literatura com uma manifestação artística particular e especial, entende-se que considera que outras manifestações artísticas – como a música, o cinema, a performance de um repentista – são atravessados pela literatura, de modo que se pode encontrar a literatura em todo o lugar, onde existam humano. A escola, por sua vez, é um espaço em que se pode investir na experiência com os textos literários, desde aqueles que na biblioteca estão como livros de leitura até outras manifestações que são encontradas nas experiências de jovens e de adultos leitores, como o Slam, Batalhas de rimas, raps, filmes, dentre outras.

O letramento literário não se restringe ao texto escrito ou às obras canônicas, já que o seu foco é a experiência literária. No lastro dessa experiência, o leitor precisa atender a questões primordiais, como o manuseio e o compartilhamento da leitura. Toda



**Hildenia Onias de Sousa**  
Rede Municipal de Ensino de João Pessoa

experiência literária tem uma escrita responsiva, na qual o leitor dá uma resposta ou respostas a partir do que leu, transformando sua experiência em outro texto que é igualmente literário, por ser fruto de uma experiência literária. É nessa escrita que se materializa em palavras o que foi experienciado e compartilhado na comunidade de leitores.

Portanto, para um projeto que visa a desenvolver a competência literária dos alunos, cumpre que se investigue o perfil de leitor, forme-se as comunidades de leitores e se trabalhe com práticas de leitura com o texto literário. É importante considerar que nas turmas de EJA é comum encontrarmos alunos e alunas que têm dificuldade de interpretação ou que ainda estão na decodificação dos signos linguísticos. Por essa razão, é muito importante que saibamos qual o perfil desses alunos enquanto leitores, desde a noção de leitura de mundo à própria noção de leitor de um texto escrito. Numa sociedade grafocêntrica como a nossa, em suportes mais convencionais aos mais modernos meios digitais, é necessário incluir a EJA. Pensar um currículo para a EJA pressupõe pensar em inclusão, em justiça. Nessa esteira, fazemos uma reflexão sobre currículo, na seção seguinte.

## **FALANDO EM CURRÍCULO... UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE A MATRIZ CURRICULAR PRELIMINAR DA EJA (CICLOS III E IV) NO MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA-PB**

A noção de justiça curricular parece-nos muito aplicável à realidade da EJA, visto que é preciso considerar as necessidades de aprendizagem dos alunos e, sobretudo, convém que se considere os sujeitos da EJA como protagonistas, sujeitos capazes de colaborar com o processo ensino-aprendizagem, haja vista que trazem à sala de aula suas experiências e vivências de mundo, as quais não estão dissociadas do saber formal que a escola lhes oferece. A ideia de justiça, no contexto curricular, evoca uma observação pertinente feita por Santomé (2013, p. 9, grifo nosso):



**Hildenia Onias de Sousa**  
Rede Municipal de Ensino de João Pessoa

a justiça curricular é o resultado da análise do currículo que é elaborado, colocado em ação, avaliado e investigado **levando em consideração o grau em que tudo aquilo que é decidido e feito em sala de aula respeita e atende às necessidades e urgências de todos os grupos sociais**; lhes ajuda a ver, analisar, compreender e julgar a si próprios como pessoas éticas, solidárias, colaborativas e corresponsáveis por um projeto de intervenção sociopolítica mais amplo, destinado a construir um mundo mais humano, justo e democrático.

As escolhas que fazemos do que ensinar, do que levar para sala de aula são ações políticas que implicam muitas vezes uma luta pelo exercício da democratização do conhecimento, entendendo-se que aquele aluno, aquela aluna, que trabalha o dia inteiro e vem à escola à noite, tem direito a uma aula de qualidade, a um objeto de conhecimento que contribua para o seu crescimento como pessoa e como cidadão. Nessa acepção, trava-se um território de disputas que envolvem as questões curriculares (Arroyo, 2013). O professor é o sujeito que está mais próximo do aluno, cabendo a ele, em última instância, escolher o que e como trabalhar a construção do conhecimento.

No município de João Pessoa-PB, temos uma versão preliminar da Matriz Curricular da EJA. Tal versão encontra-se na esteira da BNCC (2018) e organiza o ensino de língua portuguesa em: **práticas de linguagem** (práticas de recepção de textos orais e escritos, práticas de produção de textos orais e escritos, práticas de análise linguística/semiótica de textos orais e escritos); **saberes/conteúdos** (Referem-se aos objetos de conhecimento); **aprendizagens esperadas (objetivos de aprendizagem)**, que têm uma certa correspondência às habilidades descritas na BNCC (Brasil, 2018).

Em se tratando do ensino da literatura, a referida matriz não dá um lugar de destaque ao texto literário, embora se veja que, na descrição de conteúdos e de saberes do Ciclo III, há menções ao texto literário, conforme descrito na Base. As indicações de conteúdos são mais centradas no trabalho em “todos os campos” do que no campo artístico-literário. Nesse campo, temos:



**Hildenia Onias de Sousa**  
Rede Municipal de Ensino de João Pessoa

**Fluência e compreensão em leitura de textos (campo artístico-literário)** EJAJPCIIILP23 – Ler, com fluência, e compreender, com autonomia, textos pertencentes a gêneros do campo artístico-literário: desenhos, pinturas, fotografias, grafites, histórias em quadrinhos, fábulas, lendas, mitos, causos, piadas, contos de diferentes tipos (de humor, de enigma, de mistério, de suspense, de terror etc.), letras de canções, de marchinhas de Carnaval, poemas de forma livre e fixa, parlendas, cordéis, poemas visuais etc., produzidos por autores e, sobretudo, autoras brasileiros, regionais, locais, indígenas e afro-brasileiros, observando aspectos relativos à construção composicional e às marcas linguísticas e semióticas típicas de cada gênero. **Compreensão dos efeitos de sentido (campo artístico-literário)** EJAJPCIIILP24 – Identificar, em textos narrativos ficcionais, os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados. EJAJPCIIILP25 – Interpretar, em letras de canções, de marchinhas de Carnaval, poemas de forma livre e fixa, parlendas, cordéis, poemas visuais, dentre outros textos versificados, os efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos sonoros (estrofação, rimas, aliterações etc.), semânticos (figuras de linguagem, por exemplo), gráfico-espacial (distribuição da mancha gráfica no papel), imagens e sua relação com o texto verbal (João Pessoa, 2024, p. 4, grifo nosso).

Constatamos que a literatura comparece na matriz referente ao Ciclo III, enfatizando os gêneros literários e as outras linguagens que são atravessadas pela literatura. Contudo, a presença da literatura está condicionada a um estudo mais estruturalista, decorrente do material verbal dos textos, o que prescinde, de certa forma, o espaço para a experiência literária dos alunos. As questões estruturais dos textos são importantes, porém, para um documento como a Base, que propõe foco nos letramentos, cabe se pensar em um fazer que privilegie a experiência dos estudantes. Há uma clara sobreposição das questões metalinguísticas, do estudo gramatical em detrimento da experiência de leitura com o texto literário, como preconiza o letramento literário. Nesse sentido, para que o letramento literário se efetive na sala de aula da EJA, convém que o professor redirecione a sua aula, com foco na experiência literária, que é o ato de se apropriar, de tomar para si aquela leitura, como já pontuamos anteriormente.



**Hildenia Onias de Sousa**  
Rede Municipal de Ensino de João Pessoa

No que se refere ao Ciclo IV, na descrição dos conteúdos, não há menção ao campo artístico-literário. Não sabemos quais foram os critérios para que se esvaziasse a matriz dos conteúdos de literatura, sem ao menos pontuar alguns conteúdos, conforme o que foi inserido no Ciclo III. Nessa primeira versão, no Ciclo IV, não há espaço para a literatura. Essa problemática foi percebida por nós no decorrer do ano letivo de 2024. Os saberes/conteúdos estão inseridos nos diários do professor, e no Ciclo IV não houve como se registrar uma aula de literatura, dada a ausência desse saber tão importante na formação dos sujeitos da EJA. Como se trata de uma versão preliminar, espera-se que essa questão seja revista.

Inserir a literatura e a experiência literária na matriz curricular da EJA é uma questão de justiça curricular, assim como garantir a aula de qualidade para o aluno da EJA o é. É de suma importância que os direitos dos alunos sejam respeitados em sua plenitude. Retomando Candido (2011, p. 2):

As pessoas são frequentemente vítimas de uma curiosa obnubilação. Elas afirmam que o próximo tem direito, sem dúvida, a certos bens fundamentais, como casa, comida, instrução, saúde, coisas que ninguém bem formado admite hoje em dia que sejam privilégio de minorias, como são no Brasil. Mas será que pensam que o seu semelhante pobre teria direito a ler Dostoiévski ou ouvir os quartetos de Beethoven? Apesar das boas intenções no outro setor, talvez isto não lhes passe pela cabeça. E não por mal, mas somente porque quando arrolam os seus direitos não estendem todos eles ao semelhante. Ora, o esforço para incluir o semelhante no mesmo elenco de bens que reivindicamos está na base da reflexão sobre os direitos humanos (Candido, 2011, p. 2).

Quando defendemos o direito de o aluno da EJA estudar literatura, ter acesso a bons textos, a uma aula de qualidade, estamos pensando em justiça, em democracia, em empoderamentos diversos e em diversidade. Tomamos a referência de Candido (2011) à leitura das obras de Dostoiévski e de Beethoven como uma alegoria ao que há de melhor em bens simbólicos e ao acesso que deve ser dado às camadas mais destituídas de posses. As artes, em geral, são atravessadas pela literatura. O poético está presente muitas vezes



**Hildenia Onias de Sousa**  
 Rede Municipal de Ensino de João Pessoa

em um texto publicitário, em uma propaganda e até nos nossos dizeres do dia a dia. Dito isso, não estamos reivindicando necessariamente a leitura das obras dos clássicos universais ou as Sinfonias de Beethoven na EJA, como um direito à literatura, mas lutamos e militamos para que esse público tenha livre acesso aos bens simbólicos, dentre os quais está a literatura, seja a obra literária propriamente dita, seja a experiência de leitura com um texto desde a manifestação mais simples à mais elaborada, ou ainda em outras manifestações artísticas, como a música. Na perspectiva do diálogo entre literatura, experiência literária e música, trazemos um exemplo dessa vivência em sala de aula da EJA, conforme anunciamos na introdução deste texto.

Em 2019, por ocasião do centenário do paraibano Jackson do Pandeiro, a Secretaria de Educação e Cultura de João Pessoa-PB lançou um projeto para que as escolas trabalhassem com seus alunos a obra desse artista. Na ocasião, produzimos um material específico para esse trabalho com a EJA, com os seguintes objetivos:

- ✓ Conhecer/revisitar a produção artística de Jackson do Pandeiro;
- ✓ Selecionar músicas interpretadas e/ou compostas pelo artista;
- ✓ Ouvir e analisar letras de canções de Jackson do Pandeiro;
- ✓ Ler e discutir textos de reportagem sobre o centenário do autor;
- ✓ Constatar a importância da obra do autor a nível nacional;
- ✓ Estudar expressões vocabulares das músicas de Jackson do Pandeiro na perspectiva das variações linguísticas;
- ✓ Analisar textos poéticos na estrutura de cordel;
- ✓ Produzir relatos das experiências de leitura com poemas sobre Jackson do Pandeiro;
- ✓ Produzir textos na estrutura de cordel, com a mediação da professora;
- ✓ Compartilhar as experiências vivenciadas com a escola as experiências vivenciadas, em sala, numa aula de culminância.

A primeira atividade realizada foi a leitura de uma reportagem veiculada no portal G1 sobre o centenário de Jackson do Pandeiro. Em seguida, foi feita a produção de uma



**Hildenia Onias de Sousa**  
Rede Municipal de Ensino de João Pessoa

*playlist* com dez músicas do cantor e compositor paraibano, na qual foram as escolhidas as seguintes: “Sebastiana”, “Bodocongó”, “Cantiga do sapo”, “Tem pouca diferença”, “Casaca de couro”, “O canto da ema”, “Como tem Zé na Paraíba”, “Morena bela”, “Cabeça feita” e “O puxa-saco”.

Em um estudo das expressões usadas nas músicas de Jackson, foi feito um levantamento dessas expressões para uma atividade, na qual os educandos da EJA foram desafiados a fazer uma pesquisa, consultando primeiramente as pessoas com mais idade da turma, para verificar os sentidos veiculados por aquelas palavras e expressões nas canções do cantor paraibano. Alguns alunos sabiam, por exemplo, o sentido das palavras: xeletéu, quebra-galho, caritó. Nesse ínterim, foi vivenciada uma interação entre jovens e adultos, através da troca de experiências. Em seguida, realizaram uma busca na internet para as palavras que os alunos não conseguiram estabelecer significados. Nessa acepção, foi evidenciado que eles realizaram um trabalho com variações linguísticas, de modo que entendessem que é preciso conhecer os dados que compõem o texto, como o objetivo de determinada escrita, a época em que foi escrito, o gênero textual em que se enquadra. Como se percebe, o ensino de língua portuguesa na educação básica não individualiza nem separa os estudos literários dos estudos linguísticos. Ainda que se separassem, por uma questão didática, não neutralizaria o diálogo intrínseco que o conteúdo de língua e de literatura tem.

Outras atividades produzidas foram poemas sobre Jackson do Pandeiro e sua obra. Esses poemas foram produzidos pela professora para a leitura literária. Os poemas foram trabalhados em sala, através da leitura, da discussão e da recitação, a fim de que os alunos relatassem posteriormente suas experiências com o texto literário e que pudessem produzir outro poema em grupo, com a autoria coletiva dos alunos. Fato interessante foi receber trabalhos que apontaram para outras manifestações artísticas, como o desenho, a encenação, a confecção de capas de CD e de banners. Isso aconteceu mediante o desejo dos alunos, a partir do que sabiam fazer. Dada à diversidade dos trabalhos, foi organizada



**Hildenia Onias de Sousa**  
Rede Municipal de Ensino de João Pessoa

uma apresentação para a escola, na qual os estudantes se envolveram e demonstraram o potencial que têm, quando estimulados.

Para cada situação de aprendizagem, é possível elaborar textos, organizar materiais que favoreçam a construção do conhecimento na EJA. Para tanto, é necessário que se tenha sempre em mente os direitos de aprendizagens desses alunos e, sobretudo, o direito a uma aula em que eles possam ressignificar as suas vidas. Decerto, nem sempre o professor conseguirá fazer motivação e elaboração de materiais continuamente, entretanto, é necessário considerar o perfil daquela sala, daqueles alunos e pensar nas suas necessidades, visto que é possível fazer um trabalho profícuo envolvendo esses sujeitos.

Como parte da escrita responsiva, os alunos produziram também um poema sobre Jackson do Pandeiro com o auxílio da professora. Não foi orientado que eles elaborassem o poema todo, ou que cada aluno elaborasse um poema, mas que pensassem a partir de versos sugeridos, de modo que tivesse sentido, ritmo e musicalidade. Esse completar as estrofes foi dando diversas possibilidades de escritas, de modo que fomos escolhendo a palavra que soava melhor, a melhor expressão, que tornasse o poema agradável de ser lido e conservasse o tom de humor, que foi traço dos poemas trabalhados em sala de aula.

O trabalho com o material elaborado pelo próprio professor, considerando as necessidades de sua sala de aula, é um caminho promissor para as aulas na EJA. Certamente, exige um maior investimento de tempo, contudo, os resultados podem ser muito satisfatórios. As informações coletadas sobre o artista paraibano foram bem vastas e envolveram vídeos, entrevistas, apresentações, visita ao Memorial do cantor em Alagoa Grande-PB. Quando se chegou à culminância do trabalho, os estudantes tinham um arcabouço de informações e de conhecimentos sobre a vida e a obra de Jackson do Pandeiro, perceptível nas suas falas e escritas.



**Hildenia Onias de Sousa**  
Rede Municipal de Ensino de João Pessoa

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura faz-se presente no cotidiano das sociedades sob as mais diversas manifestações. De alguma forma, todas as pessoas, uma hora ou outra do dia, deparam-se com o universo da fabulação (Candido, 2011). Muitas das vezes, o excesso de didatismo e de pedagogização nas escolas afastam os alunos da literatura, de modo que ela passa a ser vista como algo desagradável e sem utilidade prática.

Alguns relatos isolados de alunos dão conta de que formaram o gosto pela leitura de obras literárias e de outras leituras por causa de um professor que lhe influenciou na educação básica. Isso talvez seja mais recorrente naqueles alunos que estudaram durante o dia nas modalidades chamadas “regulares” de ensino, nas quais não se incluem a EJA. No ensino noturno e na modalidade EJA, costuma-se impregnar um estereótipo de ensino e de aprendizagem em que se acredita que o professor, que ali ensina, quer descansar e fazer de conta que dá aulas e o aluno apenas quer o certificado para conseguir um emprego no supermercado do seu bairro. Não obstante essa realidade possa existir, preferimos acreditar que há professores que querem ministrar uma boa aula, que querem praticar justiça curricular, que querem contribuir para o crescimento dos sujeitos da EJA, cujas existências já estão tão marcadas pela falta de oportunidade que o conhecimento formal que lhe foi suprimido gera.

Aprender a refletir sobre os usos linguísticos da língua portuguesa é tão importante quanto ler textos literários, posicionar-se criticamente a respeito dos mesmos, discordar, refutar, fazer inferências, identificar-se com um personagem de um enredo e tantas outras possibilidades de leitura que é aberta pela obra literária. É por essa razão que defendemos que a literatura tenha um lugar de destaque nos currículos da Educação de Jovens e Adultos.

O aluno da EJA chega à aula de língua portuguesa muitas vezes norteado por um ensino meramente estruturalista, no qual ele aprende o que é substantivo, adjetivo e outras classes de palavras. Ele mesmo chega a dizer que não sabe português, sendo ele



**Hildenia Onias de Sousa**  
Rede Municipal de Ensino de João Pessoa

um falante nativo dessa língua. Isso é mais uma prova de que as questões de estrutura da língua estão muito arraigadas na nossa história. O que ele tem dificuldade ou não domina é a variante padrão da língua, e isso é preciso que esteja na pauta da conscientização prevista pelo professor de língua portuguesa no seu planejamento. Faz-se necessário conscientizar o aluno de que ele deve dominar a variante padrão da língua, porque é essa variante que é exigida em todas as situações de formalidade da vida. A leitura como uma prática social presta o serviço de ajudar os falantes da língua a se apropriarem dos usos que são padrões sem, contudo, deixar de valorizar as demais variedades linguísticas.

A leitura literária é uma prática que deve ser realizada na escola, apesar dos efeitos de sua escolarização inadequada (SOARES, *In*: EVANGELISTA *et al.*, 2003), porém o lugar da literatura não precisa estar vazio. Convém, pois, que se reivindique sua presença nas aulas de Língua Portuguesa, já que não temos um componente curricular de Literatura. Essa presença tem vários aspectos para se efetivar em sala de aula, uma delas é o letramento literário, que visa à valorização do manuseio, do contato do aluno com o texto, da apropriação da leitura e da escrita responsiva. As práticas de leitura com foco no letramento literário privilegiam a experiência do estudante e o leva a produzir textos a partir da sua leitura, que são considerados também textos literários. Ou seja, não se trata de usar o texto literário para localizar informações sobre elementos da narrativa, por exemplo, isso pode ser feito, mas com outro objetivo de estudo. Quando se mira a experiência literária, considera-se a vivência do aluno com o texto e o principal objetivo é que o aluno viva a experiência de leitura, compartilhe com sua comunidade de leitores, que é a sala de aula, e formule um texto escrito sob a orientação do professor que também seja compartilhado com essa comunidade de leitores.

Acreditamos que, na realidade da EJA, as práticas de leitura visando ao letramento literário podem contribuir significativamente para o desenvolvimento das aprendizagens dos alunos, não somente no componente curricular Língua Portuguesa, mas nos demais componentes, pois permite o desenvolvimento da expressão oral e escrita, favorece a prática da discussão e promove a interação.



**Hildenia Onias de Sousa**  
 Rede Municipal de Ensino de João Pessoa

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. *Currículo, território em disputa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CANDIDO, Antonio. *A literatura e a formação do homem*. Conferência pronunciada na XXIV Reunião Anual da SBPC, São Paulo, julho de 1972. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php>.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *Vários escritos*. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 1 ed. 3. Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

COSSON, Rildo. Letramento literário. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (Orgs). *Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/>. Acesso em: 03 mar. 2025.

COSSON, Rildo. *Paradigmas do ensino da literatura*. São Paulo: Contexto, 2020.

JOÃO PESSOA. Secretaria de Educação e Cultura (SEDEC). *Matriz Curricular – Educação de Jovens e Adultos*, João Pessoa-PB, 2024 (Versão preliminar).

PAULINO, Graça. *Das Leituras ao Letramento Literário*. Belo Horizonte: FaE/UFMG e Pelotas: EDGUF Pel, 2010.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. *Currículo escolar e justiça social: o cavalo de Troia da educação*. Tradução Alexandre Salvaterra. Porto Alegre -RS: Penso, 2013.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani. *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOARES, Magda. Ler, verbo transitivo. In: PAIVA *et al* (Orgs.). *Leituras literárias: discursos transitivos*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

Recebido em: 26/03/2025

Aprovado em: 21/05/2025